

## O DESPERTAR DOS SINOS: CARTA A HOOKS

Carlos Fernando Ribeiro<sup>1</sup>

Olá, bell hooks!

Eu me chamo Carlos Fernando e escrevo esta carta com muitas dificuldades. A primeira delas é a minha relação com escritas ‘acadêmicas’ informais, já que em minha vida sempre me foi cobrada uma formalidade dentro das instituições educacionais. A segunda dificuldade tem relação com inserir em um texto relatos pessoais que me machucam só de lembrar. A terceira é sobre meu pensamento sobre “o que escrever” para uma das intelectuais que influenciou/influencia meu modo de ver a educação com viés crítico, sendo que em meu cotidiano nem sempre pratico a criticidade de forma educativa. Então, escrever esta carta, pra mim, é libertador, mas ninguém avisa que a libertação é de certo modo dolorosa e também aliviante, encontrando dentro de nós feridas e traumas a serem aliviados

Desde já, peço desculpas se esta carta for mais triste do que positiva, pois, mesmo com as mudanças sociais que tivemos, ainda não alcançamos o mínimo do almejado socioculturalmente nas relações transversais que permeiam a classe, como raça e gênero.

### Queria te explicar...

Querida hooks, a maior parte dos meus escritos começam com os pontos positivos sobre a temática. Isso se dá pela minha perspectiva de leitura do mundo, sempre em busca da felicidade dentro do caos. Em minha vida, eu constantemente enxerguei o copo sempre meio cheio, dada a minha situação social que mencionarei mais adiante. Portanto, bell hooks, trago-lhe notícias sobre a situação brasileira em relação a temáticas que atravessam direta ou indiretamente a educação, como classe, gênero, raça e sexualidade.

### Podemos ter um pouquinho de alívio, porque...

Nas últimas três décadas, os temas transversais como gênero, raça e sexualidade foram sendo incorporados dentro das legislações educacionais. Percebemos isso na LDB nº 9.394/96<sup>2</sup>, que insere em seu texto de modo genérico a tolerância e respeito à liberdade de credo, de sexualidade, e a igualdade de gênero e raça.

A partir do ano de 2003, outras políticas foram colocadas como importantes para o desenvolvimento social. Podemos citar a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), e, no âmbito do Ministério da Educação, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Além disso, foram criadas conferências e abertos

---

<sup>1</sup> Cientista social formado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuou como assessor parlamentar, artístico e de comunicação. Mestrando em Educação na linha de pesquisa formação humana, política e práxis social, desenvolvo minha pesquisa em tecnologia e educação nas/das redes sociais.

<sup>2</sup> BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

fóruns de debates sobre gênero, sexualidade, raça e juventude a partir de 2004, integrados pelos movimentos sociais, o Estado e pesquisadores da área.

Toda essa importância dada para esses temas vem dos esforços dos movimentos sociais, bem como de uma proposta internacional de um modelo de democracia que tem como central os direitos humanos na base da Constituição, traçando políticas e propostas educacionais que possam, efetivamente, contribuir para a redução das desigualdades de gênero, étnico-raciais e de classe nos diferentes níveis de ensino. Vemos também políticas públicas, como cotas raciais e para pessoas trans sendo implementadas em universidades e concursos públicos, apresentando mudanças significativas no âmbito coletivo.

### **Mas, posso dizer para você que...**

Estamos muito longe de uma igualdade, equidade ou qualquer outra palavra que simbolize uma diminuição expressiva da desigualdade ou, por exemplo, a extinção da fome, que sempre afeta os marginalizados socialmente e institucionalmente por mero descaso. Também somos o país em que a cada 23 segundos morre um jovem negro. Temos também diversas contradições que refletem o machismo, o sexismo, o racismo e a lgbtqia+fobia. Um exemplo disso é que somos o país que mais mata transexuais no mundo, como também o que mais consome pornografia na temática trans do planeta.

Neste momento, peço licença a você, hooks, para utilizar de suas falas e compreender que os dados e relatos sobre violência em seus diversos âmbitos transversais são construídos através do entendimento de posse do opressor sobre os corpos marginalizados. Sendo negro, mulher, lgbtqia+, ou pobre, passamos por situações em nosso cotidiano que refletem que somos vistos como objeto, ou algo que precisa de permissão para falar, estudar, criticar ou mesmo para se posicionar socialmente. A classe dominante a cada dia se apropria de pautas importantes dos movimentos sociais, veste uma roupa nova nos debates e vendem as ideias desses movimentos de resistência como se isso importasse mais do que o capital. É, querida bell hooks, talvez estejamos caminhando mais lentamente para um real debate de pautas aprofundadas sobre gênero, etnicidade, sexualidade ou qualquer modificação sociocultural e ambiental realmente radical (radical aqui escrito no sentido de ir até a raiz do real problema).

Este meu breve relato sobre as notícias de um ano após seu falecimento não é muito agradável, eu sei, só que isso mostra que precisamos da ação. Como já escrito na bíblia, em Tiago capítulo 2, “a fé sem obra é morta”, ou seja, esperar a mudança ou o milagre sem mesmo você ter agido, não vai causar efeito. Por isso, tenho que dizer que seus escritos, pensamentos, filosofia e livros estão sendo lidos, utilizados de diversas formas, aplicados em diversos movimentos sociais e influenciando as pessoas a repensar novas perspectivas de mundo.

### **Eu acho engraçado que...**

Nós, leitores de suas obras, sempre nos questionamos sobre porque o divertido e o aprendizado vão sendo desvalorizados e até mesmo desconsiderados a cada série que você avança na escola. Posso observar isso em minha vida, ao observar que dos anos iniciais do Ensino Fundamental as aulas eram mais divertidas ou mesmo mais criativas. Quando fui para

os anos finais do Ensino Fundamental parecia que gostar do divertido ou engraçado no processo de formação de conhecimento era coisa de criança, ou seja, que naquela etapa da vida era preciso encarar um projeto de mini adulto, escrever de caneta e nunca mais de lápis, porque isso sim é coisa de criança que ‘leva a sério a vida escolar’.

Vai-se passando os anos e tudo vai se formalizando em caixas, que são escritas em quadros ou slides. Em meu Ensino Médio, realizado em um Instituto Federal, seguimos um padrão visto como excelência, rigidez e seletividade, onde a competitividade era incentivada pelos professores, e a coletividade/empatia é demonstrada na formação de grupos de estudantes desesperados.

Quando penso nessa época, lembro de ser uma das fases mais felizes, sempre me lembrando das noites viradas para estudar topografia com todos do alojamento. Lembro-me que num destes dias, um professor visto como carrasco incentivou que quem tirasse a maior nota da sala já teria passado no semestre, deixando a gente finalizar a prova em uma semana. Mal sabia ele que a união fez e faz a força, levando metade da turma a tirar a mesma nota para passar do semestre.

Mesmo tendo essa vivência de unir forças sobre um problema, a socialização, influenciada pelo capitalismo, me fez almejar a máxima produtividade, porque só assim eu poderia ser rico e retornar o conforto que recebi, aos meus familiares. Pensando desta forma, estudei um tempo Biomedicina, depois Engenharia Florestal, como meta de enriquecimento e, acabei largando tudo e me formando em Ciências Sociais. Vou te confessar que foi a melhor escolha da minha vida, pois com o desenvolvimento das disciplinas pude me questionar em diversos momentos sobre meu corpo, meu ser e minhas atitudes.

Mas a caminhada da graduação, querida hooks, foi difícil. Quando li seu livro “*ensinando a transgredir*”<sup>3</sup>, já no final da graduação, senti que alguém no mundo entendia, de certo modo, que minha escolha de largar a licenciatura e me formar apenas como bacharel, foi acertada. Em minhas vivências profissionais como educador, estudante e cientista social, pude perceber que a educação é para além de ensinar conceitos ou mostrar exemplos imagéticos, é se entregar para se doar e receber, é sobre entender o limite do outro e fazer o outro seus limites, é muito mais sobre diálogo do que sobre autoritarismo.

Diversos momentos que eu ainda tinha a escolha de permanecer na licenciatura me fizeram questionar a situação em que eu estava. Nas disciplinas em que a educação era pauta central, o ‘ensinando a lecionar’, a desmotivação em permanecer na licenciatura era enorme quando, ao adentrarmos na docência enquanto campo de pesquisa, nos deparamos com o desmonte institucional da carreira do professor. Salários desproporcionais, embates sindicais, judicialização de greves e desrespeitos por parte da sociedade civil com o ato da docência, é a coisa mais comum na história brasileira. O ensinar por amor e não por dinheiro ainda nos assombra, construindo um perfil de professor franciscano. Neste momento, me senti frustrado, sem rumo, pensando apenas em me desenvolver na pesquisa e extensão.

Mesmo tendo largado a licenciatura, não posso largar de mão a educação, como formação humana, social e cidadã que é. Penso que a mesma transpassa os muros das instituições de ensino, sendo construída cotidianamente através de diversos conhecimentos diferentes e entrelaçados. Sabendo desse poder de influência para mudar a perspectiva

---

<sup>3</sup> hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

mundial, iniciei meu mestrado no Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Como você mesma indica em *ensinando a transgredir*, o ato de ensinar é um ato de resistência, se contrapondo a todo o tédio, estagnação, desânimo, de maneira em que o ensinar e aprender seja em mão dupla e libertador aos dois lados – Docente e Discente. Desta forma estou a repensar minhas questões sobre lecionar, para entender qual meu ponto de partida para a minha reconstrução sobre o que é ser educador.

## **bell hooks, quando eu leio seus escritos vejo uma educadora e outros mundos possíveis...**

Semelhante ao olhar de Moacir Gadotti sobre Paulo Freire como um educador de novos mundos possíveis, eu a vejo da mesma forma. Sobretudo quando percebemos que seus escritos são para além de si, nos influenciando a pensarmos a partir de nós, de nossas utopias, nos fazendo ver para além do que você escreveu, mostrando um caminho possível para fora dos muros da ideologia capitalista, patriarcal e racista, que nos faz acreditar que chegamos ao auge do ser humano. Além disso, seria um caos social!

Quando eu leio sobre suas experiências, bem como reflexões sobre as mesmas, vejo sobre as possibilidades de uma educação, citando Gadotti<sup>4</sup>, planetária. A intermulticulturalidade é, para mim, o centro para nos sentirmos pertencentes a um território, para além das linhas institucionais, bem como o respeito às regionalidades e os diversos conhecimentos que circulam em uma enorme diversidade étnica, que nos dá um norte para refletirmos sobre uma nova perspectiva de pertencer ao planeta Terra. Mas para chegarmos a esse passo, precisamos inverter a ótica estrutural do capital, dos opressores e dos oprimidos. Entender que o que é produzido pelos oprimidos/marginalizados é válido, interessante e, sobretudo, libertador.

Quando você escreve sobre o entusiasmo, amor e o divertido como base para lecionar, é perceptível a subversão dos valores acadêmicos dominantes, quebrando a expectativa de que o ato de lecionar deve apresentar seriedade e formalidade. Em minha formação, foram poucas as aulas que tiveram a iniciativa de quebrar a expectativa do chato e monótono ou o do conhecimento ser doloroso. É libertador ler seus livros pensando que minhas reflexões aqui dos anos 2020 já eram criticadas por você e muitas(os) outras(os) intelectuais. Mais que isso, também é desafiador repensar e mudar práticas cotidianas que refletem em nós uma educação não libertadora, sendo uma ação cotidiana que precisamos ter.

## **Agradeço a vida por ter tido contato com os seus pensamentos...**

Apesar desta carta estar sendo escrita após o falecimento de Gloria Jean Watkins, envio estes relatos a você, bell hooks, que continua viva em suas obras, nos movimentos sociais, nas ações das mulheres, negras(os), LGBTQIA+ e todos os marginalizados pela sociedade. A sua voz ecoa a cada resistência cotidiana, a cada vitória que o oprimido ganha e a cada desejo de novos mundos possíveis.

---

<sup>4</sup>GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a Educação Popular. In: **Proposta: Revista trimestral de Debate da FASE**, n.113, p. 21- 27, jul./set., 2007.

Finalizo essa carta com um até logo, até um novo mundo onde suas palavras encontrarão sua utopia realizada.

Abrços de um conhecido desconhecido